

INFÂNCIAS NO TERRITÓRIO ESCOLAR: NATUREZA, POÉTICA VISUAL E EXPERIÊNCIA ESTÉTICA

CHILDHOOD IN THE SCHOOL TERRITORY: NATURE, VISUAL POETICS AND AESTHETIC EXPERIENCE

INFANCIA EN EL TERRITORIO ESCOLAR: NATURALEZA, POÉTICA VISUAL Y EXPERIENCIA ESTÉTICA

Silvia Sell Duarte Pillotto¹

Ana Paula Simião Pinto²

RESUMO

O artigo apresenta uma pesquisa realizada na Rede Pública Municipal de Educação, com 6 crianças (6 a 8 anos) de uma escola de classes multisseriadas localizada no perímetro rural do interior de Santa Catarina, Brasil. O objetivo foi refletir sobre as relações entre crianças, pesquisadoras, natureza e poéticas visuais, como mobilizadoras nos processos estéticos. A metodologia foi pautada na narrativa (auto)biográfica, tendo como base experiências estéticas em cinco encontros com as crianças. Os resultados apontaram que a organicidade com os elementos da natureza contribuiu para nos reconectarmos a mãe terra, ampliando modos de ver/sentir a natureza pela dimensão estética.

Palavras-chave: Experiência Estética. Infâncias. Natureza. Escola. Narrativas.

ABSTRACT

The article presents research conducted in the Municipal Public Education Network, with 6 children (6 to 8 years) of one of a multiserial school located in the rural perimeter, in the interior of Santa Catarina, Brazil. The objective was to reflect on the relationships between children, nature and visual poetics, as mobilizers in aesthetic processes. The methodology was based on the narrative (auto)biographical, based on aesthetic experiences in five meetings with children. The results showed that the organicity with the elements of nature contributed to reconnect the mother earth, expanding ways of seeing/ feeling nature by the aesthetic dimension.

Keywords: Aesthetic Experience. Childhoods. Nature. School. Narratives.

RESUMEN

El artículo presenta una investigación realizada en la Red Pública Municipal de Educación, con 6 niños (6 a 8 años) de una de una escuela de clases multiserie ubicada en el perímetro rural, del interior de Santa Catarina, Brasil. El objetivo fue reflexionar sobre las relaciones entre niños, naturaleza y poéticas visuales, como movilizadoras en los procesos estéticos. La metodología fue pautada en la narrativa (auto)biográfica, teniendo como base experiencias estéticas en cinco encuentros con los niños. Los resultados apuntaron que la organicidad con los elementos de la naturaleza contribuyó para reconectarnos a la madre tierra, ampliando modos de ver/sentir la naturaleza por la dimensión estética.

Palabras clave: Experiencia Estética. Infancias. Naturaleza. Escuela. Narrativas.

Submetido para publicação: 12/04/2024

Aceito para publicação: 04/07/2025

¹ Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE – Joinville – Santa Catarina – Brasil – <https://orcid.org/0000-0003-4497-2285> – pillotto0@gmail.com

² Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE – Joinville – Santa Catarina – Brasil – <https://orcid.org/0009-0008-8226-3707> – anaegutio@gmail.com

INTRODUÇÃO

O Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação (NUPAE), vinculado a Universidade da Região de Joinville (Univille) e ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) (mestrado/doutorado), tem pesquisado nas últimas décadas como os rumos da Educação Básica seguem com novos embates e tendências no território da escola, em especial nas infâncias por compreendermos que os desafios contemporâneos precisam se pautar em uma educação pelo sensível.

Nesta perspectiva, é imprescindível olharmos a criança como criança, um sujeito social que necessita estar integrado a natureza em sua dimensão estética, na qual as relações são constituídas com pessoas, lugares, objetos e com o imaginário. E como acontecem essas relações? São sempre da mesma forma? Ou depende das culturas, dos lugares de pertencimento e de tantas outras variáveis, por vezes subjetivas?

Portanto, a escrita desse artigo se deu especialmente pela nossa inquietação referente ao local em que hoje estamos inseridas: a natureza passa despercebida e naturalizada para as crianças moradoras de uma região rural por ser parte do seu cotidiano? A partir dessa indagação o objetivo é refletir sobre as relações entre crianças, pesquisadoras, natureza e poéticas visuais como mobilizadoras nos processos estéticos.

A escrita desse artigo se deu especialmente pela nossa inquietação referente a seguinte questão: a natureza passa despercebida e naturalizada para as crianças moradoras de uma região rural por ser parte do seu cotidiano? A partir dessa indagação o objetivo foi refletir sobre as relações entre crianças, pesquisadoras, natureza e poéticas visuais como mobilizadoras nos processos estéticos.

As experiências estéticas aconteceram com seis crianças moradoras e estudantes de uma escola municipal rural do interior do Estado de Santa Catarina/Brasil na qual atuamos como pesquisadoras/professoras/gestoras. As proposições possibilitaram um voo imagético, uma estesia singular e ao mesmo tempo plural, as quais muitas vezes não foram visíveis, porém sentidas.

Importante ressaltar que a escolha pelo campo de investigação se deu pela nossa atuação na referida escola. Ou seja, o lugar nos era familiar e já havia um vínculo afetivo com as crianças, professores e comunidade. Deste modo, o propósito foi intensificar as vivências das crianças com os elementos da natureza e da arte, potencializando a percepção, aguçada pela criação imagética e pelo sentimento de pertença do lugar.

Os sentidos possibilitaram às crianças reconhecerem que o lugar vivido por elas, rodeado por intensa natureza, é um mundo que hospeda a experiência estética, palco para as manifestações de suas poéticas visuais, oportunizando a construção de afetos.

Essa relação curiosa e prazerosa com a natureza, mobilizou a criação de cinco encontros com as crianças, perfazendo um total de 10h, permeadas pelas experiências estéticas e pelo imaginário infantil (Durand, 1984).

O artigo aqui apresenta a introdução e na sequência, os itens Mapeando os lugares, Natureza e Experiência Estética, Experiências Estéticas: alçando voo na pesquisa com narrativas referentes à relação das crianças e nossa com a natureza e a arte, culminando em poéticas visuais, desdobradas na seção Registros e Narrativas. Por fim, concluímos com o item Considerações Finais, abrindo brechas para outras tantas questões ainda (in)conclusivas, pois compreendemos que fazer pesquisa envolve caminhos ainda não desvelados.

A seção Mapeando os lugares, contextualiza o campo de pesquisa - a escola multisseriada Professor, descrevendo a natureza em seu entorno e sua comunidade.

A seção Natureza e Experiência Estética: um elo sensível, aborda o olhar estético como mobilizador das relações entre crianças, pesquisadoras, natureza e poéticas visuais. Tessitura que nos impulsionou (crianças e pesquisadoras) a construir sentidos, observar e desfrutar da natureza e das poéticas visuais conectadas ao que nos é mais precioso – estar/ser no mundo.

A seção Experiências Estéticas: alçando voo na pesquisa, narra o contato das crianças com a natureza na beira das águas do rio Cubatão e a experiência com a modelagem em argila, incentivando o fazer criativo e a dimensão estética em espaço cotidiano.

A seção Registros e Narrativas, apresenta o método narrativo (auto)biográfico, os instrumentos de pesquisa e a análise compreensiva-interpretativa, elencando especialmente as narrativas das crianças e o caderno de experiências, fundamental para o registro de si e do outro.

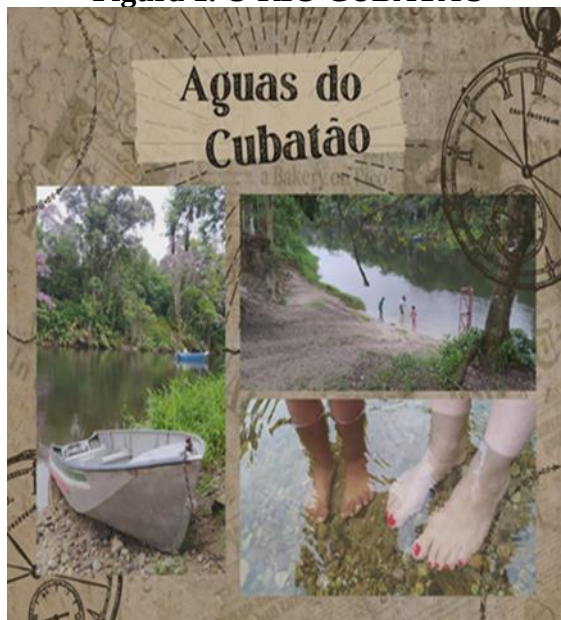
Em Considerações finais, serão destacadas as pistas e efeitos desvelados nos processos da pesquisa/vida.

MAPEANDO OS LUGARES

A pesquisa alça voo pelas veias do grandioso rio Cubatão que nasce na serra Queimada e desagua no canal do Palmital - uma ramificação da baía da Babitonga. Em seu percurso pequeno, tortuoso e formidável, as águas de outras nascentes se aproximam, pois certamente

aquele é o melhor caminho a percorrer e o rio já não é apenas um, mas muitos, assim como nós, acrescentando uns aos outros.

Figura 1. O RIO CUBATÃO



Fonte: das autoras (2022)

Quem navega pelo leito do rio Cubatão, rumo Leste em direção ao mar, pouco antes de chegar ao canal, a direita, na linha da ribanceira, observa a floresta se abrindo, mostrando que há habitantes nesse local. Do rio enxerga-se uma estrada de terra, margeando e acompanhando os navegantes. Um pouco mais a frente uma pequena clareira surge, deixando à vista uma estrondosa figueira com galhos enormes que acomodam várias bromélias. Ali encontra-se um pequeno ancoradouro conhecido na comunidade do Ribeirão do Cubatão como ‘Porto do Seu Luca’. Deslizando com seu barco sobre as águas mansas do rio como um velho pescador, procuramos na pesquisa um cais para descansar dar corpo à nossa investigação - a Escola Municipal Professor, localizada na subida da margem do rio.

A sonoridade das águas da Escola é marcada pelos valores manifestados nas memórias e vozes dos sujeitos que vivem nessa comunidade, compondo sua identidade cultural. Assim, a constituição pedagógica da escola torna-se diferenciada no sentido de ‘desacomodar’ e libertar padrões historicamente construídos pela sociedade em geral. É o amor reverberado nas memórias e nos costumes da comunidade escolar; sentimento que compõe o respeito pelas águas do rio Cubatão.

As crianças que frequentam a Escola Municipal Professor pertencem a um mesmo grupo étnico-social, os quais participam de práticas produtivas e culturais coletivas, permeadas por

fatores culturais e sociais. Com isso, o potencial da escola está no acompanhamento das famílias em relação à vida escolar das crianças.

As relações constituídas nessa comunidade nos possibilitaram planejar os cinco encontros da pesquisa, levando em conta as culturas construídas pelas famílias que habitam o local. Assim que apresentamos o projeto à comunidade escolar, seis crianças (entre 6 e 8 anos) da classe multisseriada se dispuseram voluntariamente a participar dos encontros no contraturno, com autorização dos responsáveis. Vale ressaltar que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade, que envolve autorização no uso de imagens e sons das crianças.

Como complemento do plano de voo nos encontros houve também o registro no caderno de experiências dos viajantes (pesquisadoras e crianças), pássaros curiosos e aventureiros, cuja experiência e memória foi registrada no papel com marcas sensíveis.

NATUREZA E EXPERIÊNCIA ESTÉTICA: UM ELO SENSÍVEL

Encontramo-nos ancoradas nas águas poéticas do rio Cubatão, sentindo os pés na areia grossa da margem da baía, o que nos remeteu à mãe terra. Sentadas nos pedregulhos da margem, observamos suas águas. O êxtase de sentir a natureza encontra-se no cerne de nosso ser, apoiado no âmago das infâncias. E como afirma Maffesoli (2021, p. 49) “[...] o relacionamento com os diversos elementos da mãe natureza, garante a proteção tanto da espécie como do seu suporte natural”.

Ao revisitar as infâncias potencializamos o imaginário, envolvendo o pensar/sentir, sustentada pela raiz dos sentidos – a mãe terra. Essa presença da natureza fazendo-se terra, nos possibilitou compreendê-la na dimensão estética; não apenas fazendo parte dela, mas sobretudo vivendo-a como parte dela, pois somos natureza. E como afirma Bachelard (1990, p. 242) a natureza “[...] é, em parte, assimilada à terra como uma concreção viva da terra; não pode assimilar a terra a não ser fazendo-se terra”.

A pesquisa nos presenteou com um cenário provocativo de experiências sensíveis, sintonizando a poética do lugar/natureza com a poética das infâncias, despertadas pelo desejo inesgotável de explorar o entorno a nossa volta. Esse desejo de sentir as sensações causadas pela natureza, mobilizou as crianças e a nós pesquisadoras a examinar a matéria orgânica e tudo que é possível aprender com o habitat: a vegetação, os animais, a terra, o rio...O belo e o efêmero da natureza tornam-se uma metáfora viva, lugares que nos inundam de dúvidas, medos e alegrias. E

nas palavras de Barros (2002, p. 15), “[...] que me enche de flores, calores, insetos, e me entorpece [...]”

Esse é o sentimento da criança que tem uma relação lúdica com a natureza. Uma formiga pode desvelar mistérios, a água em sua transparência pode lhe contar histórias fantásticas e a terra pode remetê-la a sensações impulsionadas pela textura, o calor e a transformação. É como afirma Piorski (2016, p. 64).

Um rastro que denota desde seu desejo para as formas da matéria, pelas manipulações e modelagens dos materiais, seu peso e sua densidade, até a mais radical pulsão para o íntimo. Impulso esse que leva a criança a sondar a anatomia da natureza – os veios das árvores ou as entranhas dos animais. O interesse pelo íntimo das substâncias vai da superfície dos materiais, sua pele, ao mais enraizado anatômico do mundo natural. A anatomia do mundo é um sonho arqueológico do brincar.

Pelo encantamento nos entrelaçamos à natureza na descoberta do mundo e da vida experimentada pela sensorialidade, que nos possibilita uma leitura de mundo, tendo o corpo como mediador de sentires e pensares. É por meio dele que o ver, tocar, sentir, conhecer, viver e existir são potencializados.

Portanto, na natureza intensifica-se na interação entre o corpo e o mundo e é dessa relação com o meio que a sensibilidade aflora como abertura para o imaginário infantil.

A lama, a areia as pedras, seus formatos e cores, seus pesos, temperaturas; as plantas, suas folhas, sementes, troncos e talos, raízes com diferentes texturas, cheiros, cores e tamanhos; e os animais que habitam esses lugares: os insetos com seus ruídos peculiares, suas cores e formatos; os diferentes relevos, as topografias: rios montes, barrancos, planícies. Enfim, um universo de possibilidades a serem observadas e investigadas, a serem brincadas, que nos levam ao sentimento de comunhão (Barbieri, 2012, p. 116).

É a partir dos desafios físicos oferecidos pela natureza e pelo desfrute desses elementos por todos nós que os sentidos são mobilizados. Assim, uma educação pelo sensível contribuiu para que as crianças exercitassem o olhar e a escuta, indagando curiosamente sobre o que lhes interessava: espaços, objetos, animais e pessoas. Afinal, as infâncias são lugares onde se inicia a formação estética, articulada com o ato de imaginar e construir poéticas visuais, sonoras e corporais (Bachelard, 1990).

Portanto, nosso desafio na pesquisa foi nutrir a alma investigativa das crianças, impulsionando o senso exploratório e o sentido de pertencimento. Convidá-las a entrar em sintonia com a pulsação dos cantos, encantos e recantos da natureza, proporcionou outros modos de observar e sentir a vida pulsante.

As percepções que as crianças possuem em relação à natureza são conciliadoras e ao mesmo tempo vivificadas em todos os seus aspectos: emocionais, físicos e de sentidos. Profice (2016) defende a reconexão da criança com a natureza em seu estado mais bruto, para que conheçam a si mesmas, aos outros e ao mundo que a cerca. Para a autora, os sistemas e microssistemas em que as crianças estão inseridas são determinantes em sua formação plena.

Esse processo se evidencia quando as crianças ao se conectarem com os elementos da natureza exercem em todos os âmbitos o senso de liberdade (Profice, 2016). Ao explorar os materiais vivos da natureza, criam sensações que reverberam em seu corpo; são conexões simbólicas que conduzem ao imaginário (Durand, 1984). Com isso, fomenta-se nas crianças os processos de criação, de iniciativa e de autoconfiança, motivando-as a reconhecer seu potencial humano e construir relações de afetividade.

A natureza é o elo de conexão que se constitui em movimento contínuo de autoconhecimento e amor pela vida. No entanto, se nos distanciarmos da natureza nos distanciamos também de uma vida significativa e saudável (Louv, 2016). Portanto, é imprescindível oportunizar às crianças relações sensíveis com a natureza para que se sintam livres para imaginar, fabular, descobrir, idealizar, inventar, investigar, refletir, questionar. Afinal, como afirma Louv (2016, p. 87).

As crianças vivem pelos sentidos. As experiências sensoriais ligam o mundo exterior da criança ao mundo interior, escondido, afetivo. Como o ambiente natural é a principal fonte de estímulo sensorial, liberdade para explorar e brincar com o mundo exterior pelos sentidos em seu próprio espaço e tempo são essenciais para o desenvolvimento saudável de uma vida interior.

No percurso da pesquisa com as crianças nosso olhar se fortaleceu nas infâncias, na natureza e na estética, compreendendo que “[...] para uma criança pequena a distância estética é mínima” (Tuan, 2012, p. 140). Isso porque a criança possui mente liberta para saciar sua curiosidade em desvelar o desconhecido, diferente do adulto que geralmente está preso a regras e convenções.

Assim, para que o processo estético ocorra, cabe a nós adultos desembaraçarmo-nos de verdades únicas e aceitar novas circunstâncias. É desacomodar-se modelando novas possibilidades. Esse emaranhado de despir-se e vestir-se, espelha a maneira de nos relacionarmos com o mundo. Como afirma Dufrenne (2008, p. 76) “a natureza não nos traz somente sua presença, ela nos ensina que estamos presentes nessa presença. A experiência estética que ela suscita nos dá uma lição de estar no mundo”.

Nesse sentido, a ressignificação do mundo e da vida perpassa pela experiência estética, alterando nossa maneira de pensar e agir. E como bem coloca Duarte Jr. (2004, p. 98), o "[...] olhar estético não interroga, mas deixa fluir, deixa ocorrer o encontro entre a sensibilidade e as formas que lhe configuram emoções, recordações e promessas de felicidade".

É ainda perceber nuances e ser afetado, pois por meio do olhar estético, desvelamos sentimentos de uma vivência revelada em uma passagem sensível, que se situa "[...] naquele ponto em que o homem, confundido inteiramente com as coisas, experimenta sua familiaridade com o mundo; a Natureza se desvenda para ele, e ele pode ler as grandes imagens que ela lhe oferece" (Dufrenne, 2008, p. 30-31).

A forma de observar e interagir com a natureza por meio de nossos sentidos nos faz transcender (Maffesoli, 2021). Desvela possibilidades que antes não havíamos imaginado, descortinando percepções em lampejos de vida. É o repouso de um olhar que se abre para o mundo ampliando nosso campo de percepção. É criar possibilidades visuais, sonoras e corporais, explorando caminhos imaginários, atravessando trilhas e arriscando-se à experiência e ao deslocamento do pensamento; é oportunizar a si e ao outro ser afetado (Cunha, 2022).

Mobilizadas pelo canto dos pássaros e pelo ruído do rio que busca o mar, percebemos que a natureza nos brindava com seu espetáculo magistral. Essa intensa conexão afetiva entre nós, as crianças e a natureza, foram o elo que cultivamos cotidianamente carregado de sensibilidades (Tuan, 2012). Olhar para a imensidão da natureza que se apresentava a todo momento e contemplando suas grandezas e miudezas mobilizou nas crianças e em nós, processos sensoriais, afetivos e emocionais.

EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS: ALÇANDO VOO NA PESQUISA

O estudo mostrou que Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino que costuma atender pessoas com baixa escolaridade, mais vulneráveis e que decidem retornar aos bancos da escola para concluir a Educação Básica. Seja por motivos pessoais, profissionais ou mesmo educativos, podendo ser essa a porta de entrada para o ingresso no ensino técnico ou superior.

Viver um lugar é inquietar-se, fazer perguntas, prever possibilidades; são formas que encontramos de pensar e propor experiências estéticas às crianças (Kohan, 2004). Voltas e voltas, voos e voos, círculos e círculos. Pensamentos luminosos, diferentes, delicados e resistentes.

Ressignificação e liberdade. Libertamo-nos no sentido de pensar que a natureza é sapiência; conversa conosco, nos liberta e nos confronta.

Nesse voo libertário, carregamos junto às nossas asas - as crianças! Em nossas bagagens os elementos da natureza, as expectativas, as palavras, os sorrisos e a presença.

O desafio que pulsou nesse voo foi instigar às crianças outras relações com a natureza para além do cotidiano. Como olhar a terra, o rio, a vegetação e tudo que envolve a natureza a partir da dimensão estética? Nossa proposição às crianças foi a de construir pontes de reencontro com o desejo de fazer e narrar os sentimentos vividos com o lugar que as cercava, buscando outros modos de olhar/sentir a sua volta.

No entanto, voar em liberdade é também desapegar e estar aberto às imprevisibilidades, entendendo que não possuir o controle do vento liberta corpo/mente. Portanto, nesse voo, projetamos as expectativas, sabendo que poderia haver curso de voo sem destino ou respostas. Que os ventos levam a outros destinos que poderão ser descobertos apenas quando experienciados. Nesse céu voamos juntos – nós e as crianças.

Elegemos para o início do voo, a Experiência Estética: O solo vivo: modelando nossas almas, certas de que essa experiência contribuiria para reconectar as crianças ao mundo ‘terra’, pois como diz Piorski (2016, p. 39) “[...] a criança vem da terra, do útero do mundo, do desconhecido mistério [...]”.

A terra é um potente elemento; a dimensão do barro, que se faz argila, molda pensamentos que podem se concretizar pelas mãos de alguém transformando-se em objetos. A matéria mole e pegajosa do barro e sua delicadeza é um receptáculo de experiências. Tatear o visgo da lama, do barro, sentindo as raízes e pedras que compõem sua matéria é visceral. “É um decifrar de pele a pele, corpo a corpo, dos primeiros fatos da alma” (Piorski, 2016, p. 122).

O barro nos remete às infâncias quando atolávamos os pés descalços na lama fria e úmida, misturada ao odor que exalava do chão - um cheiro de saudade. Mistura de barro, de raiz e água, de pedra e rio, de sujeira gostosa, um melar que se prende não só nos pés, mas no corpo inteiro. Um experimentar de alma enredada pelo visgo da matéria, oriunda da terra, com sensação de liberdade e ao mesmo tempo de proteção. Terra empapada de água, que transforma e invade a alma, impulsionando-nos a ser natureza.

Assim, o tátil torna-se o grande elo entre nós e a terra, seguido pelo odor do barro e as cores oriundas da matéria. O elemento barro, fruto extraído da natureza, as margens do velho e

grandioso rio, permeou a experiência estética das crianças, possibilitando a sapiência com o amassar, cortar, torcer e construir formas tridimensionais.

Ao mesmo tempo que se funda como tátil e imaginada, a terra se constitui como pensamento. Experienciamos o desejo de expressar inquietudes, dúvidas, dores e alegrias. Um despertar de sentires e potencial criativo expresso na argila; uma experiência sentida e intransferível.

Experienciar o contato com o barro à beira do rio e posteriormente em outros espaços da escola, tornou-se um movimento singular para as crianças, instigando os sentidos e as possibilidades que a natureza oferecia. Foi, como comenta Larrosa Bondiá (2002, p. 24) entregar-se a “[...] atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço”. Tempo de pesquisa/experiência que pulsou em pensamentos, tornando-se construção de sentidos para as crianças.

Envolvidas pelo entorno do rio, entre um sentir e outro, desvelando os mistérios daquele espaço, Deivid (2022) entusiasmado, traz em suas mãos um pouco de lama. Mostra a matéria para as demais crianças e começa a moldar uma forma circular. Logo todos estavam envolvidos pelo barro, que segundo as crianças era a terra misturada com água.

Entre um moldar, amassar, sentir e cheirar, as crianças comparavam a maleabilidade e os pigmentos de diferentes argilas encontradas. Nesse momento percebemos o envolvimento delas num universo singular e plural; lugar de criação poética. Como bem diz Kohan (2008, p. 47) “a infância é o reino do faz de conta, do - e se as coisas fossem de outro modo...?”

As crianças trazem consigo o potencial para a criação; são receptivas para o novo e o universo renasce por meio delas em seu devir (Barbiere, 2012). O contato e a experiência com a natureza tornam-se conjunção pela qual se evidencia intimamente os sentidos e significados.

As sensações vividas nas infâncias revelam os modos de ser criança com suas inúmeras linguagens, experimentos, fazeres, sendo criadoras de saberes e sentidos. A criança sob a óptica da experiência, que se evidencia na infância pelo brincar e pelas linguagens expressivas, descobre as particularidades da dimensão estética.

Esse modo de pensar nos instigou a convidá-las a explorar todas as sensações que a argila pudesse proporcionar. O contato tátil com a argila lançou sensações variadas para elas. Para o adulto as sensações com a argila por vezes são diferentes. Seca rapidamente em contato com a pele, causando impressão de sucção e ao mesmo tempo de aquecimento. Já para as crianças a

argila era um pouco ‘mole’, mas também ‘um pouco dura’. Em alguns momentos diziam que estava ‘gelada’ e ‘quentinha’; macia e dura, áspera e lisa; um turbilhão de sensações.

Durante o processo de modelar observamos o quanto a natureza lhes era familiar, possibilitando o envolvimento em detalhes e sensações (Bertaux, 2010). O elemento pegajoso, que de certo modo incomodou as crianças, foi também um excelente espaço de sensações, descobertas e aprendizados. “Nossas mãos são tomadas pelo visgo da argila. Experimentamos novas sensações e nos desapegamos das preocupações de limpeza e das perfeições (Bachelard, 2001, p. 94).

As crianças pouco a pouco ampliavam a experiência com a modelagem em argila, entregando-se cada vez mais ao fértil da terra, ao âmago do grude, à secura das mãos e ao mesmo tempo de sua maciez. Piorski (2013 p. 110) ao narrar sobre os ‘grudes e gosmas’ diz que “as mãos lisas ganham uma personalidade de destreza em se libertar do aperto, em não se deixar apanhar. São metáforas de enlace amoroso com seu próprio corpo”.

Assim, se entregaram ao som do rio em movimento, ao canto dos pássaros, aos burburinhos dos insetos. Eis aqui um pouso vivido e experienciado com a modelagem em argila, trazendo um acolhimento macio e maleável, sujo e viscoso, seco e molhado, repleto de carícias da terra, como nos diz Bachelard (2001).

Envolvidos na exploração da argila, Miguel (2022) não perdeu tempo e logo perguntou se poderia construir uma xícara. Invertemos a pergunta, buscando sua opinião sobre essa possibilidade. Miguel (2022) prontamente respondeu que achava possível. Aproveitando o momento, explicamos a todos que poderiam modelar o que desejassem, encorajando-os à liberdade de criação e à importância de suas escolhas.

Deivid (2022) interveio na conversa, mencionando que era necessário colocar a argila no forno para assar e endurecer. Surpreendidas com essa afirmação, perguntamos o motivo. Ele respondeu que desta forma a argila ficaria dura e resistente. Miguel (2022), comentou que outra possibilidade era a argila ser deixada ao sol para secar e endurecer. Caique (2022) prontamente disse que se os amigos tivessem dificuldade em moldar a argila, poderiam aos poucos molhá-la.

A partir das colocações das crianças, foi necessário apresentarmos algumas questões técnicas referentes a: preparação e limpeza da argila; ferramentas para seu manuseio; secagem das peças, entre outros do interesse das crianças. As orientações contribuíram para que elas se deixassem envolver de modo mais intenso aos processos criativos.

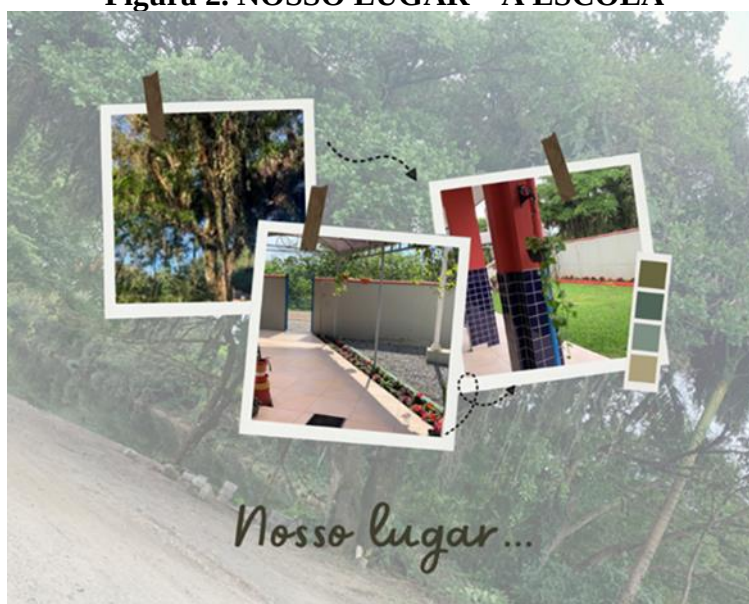
A maneira com que as crianças exploravam a argila, mostrou que possuem um olhar e um sentir diferente dos adultos. Elas têm olhos atentos de quem necessita ver, mãos aguçadas de quem exige tocar, olfato apurado de quem precisa cheirar.... com desejo de saborear, experimentar e aprender o mundo naquilo que se mostra como misterioso.

Entre suas mãos foram surgindo diferentes formas tridimensionais: grandes, pequenas, cônicas, redondas, ovais, volumosas. Criavam e recriavam ao seu tempo, concentradas em suas produções. Procuravam folhas, galhos e sementes para texturizar a argila, descobrindo novos desenhos.

A terra mole tocou num ponto sensível da imaginação infantil. E como o artista que amassa o barro para dar forma, seguimos com as crianças nosso voo, buscando narrativas a partir da natureza e das formas tridimensionais criadas. A terra se constituiu em uma segunda pele para nós e ao seu contato se transforma em “[...] instante no qual nos comprazemos em nos aninhar nas dobras “desse mundo”, onde encontramos novamente refúgio, na matriz fecunda da terra-mãe” (Maffesoli, 2021, p. 32).

Continuamos a nossa experiência em outros ambientes como o pátio da escola, um pouco mais aquecido do que a beira do rio onde estávamos, pois, o dia estava frio e havia chovido na noite anterior.

Figura 2. NOSSO LUGAR – A ESCOLA



Fonte: das autoras (2022)

Nesse dia as crianças mostraram maior intimidade com a argila. Percebemos isso pelas expressões faciais e o deslize da matéria em suas mãos, facilmente moldáveis. Amassavam o barro, retiravam as pedras e voltavam a amassar (Rinaldi, 2013). Foram surgindo cuias de

chimarrão, cabeça de animais como cavalo e boi, monstros imaginários de histórias contadas, caracóis de jardim; elementos que fazem parte do seu cotidiano.

Cada forma tridimensional criada gerava uma história, um porquê, um novo significado. Deivid (2022) fez um diamante. Ao perguntarmos o que significava a produção, respondeu: “a natureza é um diamante”. Leite (2001, p. 42) enfatiza que “[...] a criança produz cultura quando atribui significados as suas experiências”. Estávamos vivendo isso, um ressignificar do vivido, ouvido, sentido, provado, cheirado, no qual cada criança a seu modo tornava-se autoral.

Tanto o fazer poético quanto as narrativas, foram modos peculiares de diálogo ao socializarem ideias e sentimentos (Bertaux, 2010). No entanto, foi necessário captarmos os saberes práticos das crianças, que aos poucos tornavam-se saberes estéticos por meio da experiência com o lugar, o material, as pessoas e os sentires potencializados.

Cada forma tridimensional criada com a argila, transformava-se em narrativas por meio dos diálogos, gestos e expressões. As formas que surgiam das suas mãos revelavam momentos compartilhados em família, aventuras na escola, momentos de diversão no rio ou nas redondezas de seu habitat natural. Uma atmosfera carregada de significados e histórias pessoais.

A experiência sensorial com a argila potencializou a imaginação criativa das crianças, pois como afirma Meira (2014, p. 53) “[...] todo o ato criador passa pelo crivo sensível da sensorialidade corpórea, que pulsa por exercitar seus poderes, suas potências de vida.”. Da mesma forma para Duarte Jr. (2010, p. 26), a educação que tange as sensibilidades “[...] refere-se a todo conhecimento integrado ao nosso corpo, que nos torna também mais sensíveis”.

As relações que construímos com a natureza, apresentaram-se emaranhadas nas conexões entre sentimento e liberdade. Entre ideias e sentires nos expressamos em gestos, corpos e imagens, pois como afirma Kohan (2017, p. 68) “[...] a arte é a criação a serviço de uma compreensão maior”. Arte e estética navegam no mar da liberdade e das sensibilidades.

Esse fazer liberto, criativo e sensível se revelou crucial para as experiências estéticas das crianças, possibilitando uma fenda para novas explorações. Um tempo de acolhimento, vivências e percepções sobre o mundo, uma vez que desperta

As crianças vivem pelos sentidos. As experiências sensoriais ligam o mundo exterior da criança ao mundo interior, escondido, afetivo. Como o ambiente natural é a principal fonte de estímulo sensorial, liberdade para explorar e brincar com o mundo exterior pelos sentidos em seu próprio espaço e tempo são essenciais para o desenvolvimento saudável de uma vida interior.

A estesia humana enredada à experiência estética, emerge no enfrentamento das dificuldades que acometem o mundo e o conhecimento por ele construído (Duarte Jr., 2004). Deste modo, proporcionar experiências estéticas às crianças e, também, a nós pesquisadoras, ampliou modos de observar a vida e as relações que tecem as existências, bem como maneiras de se reconectar com a natureza. E como nos lembra Bertaux (2010) a experiência estética só acontece quando permitimos ver, ouvir e nos sensibilizar por tudo aquilo que está ao nosso redor.

REGISTROS E NARRATIVAS

Quantos voos podemos realizar ao longo da vida? Quantas viagens são possíveis de realizar pelo imaginário? Em nossos voos quantas tempestades enfrentamos? Quantos nasceres do sol apreciamos? Histórias vividas marcadas por voos rasantes...O que seriam dessas histórias sem registros?

E então como todo piloto que parte com a sua tripulação céu afora, adotamos como um dos instrumentos de registro na pesquisa o caderno de experiências, inspiradas pelas autoras Clauber, Pillotto e Leal (2017). Ou seja, uma prática educativa, “[...] que potencializa a relação consigo próprio por meio de uma arte da existência, em que é possível viajar para o interior de si mesmo, ensaiar-se com o outro, novas maneiras de ser” (Clauber; Pillotto; Leal, 2017, p. 191). Para nós o caderno de experiência significou ainda “[...] colocar as sensações em linhas, cores, palavras, para nos pôr em movimento em uma solidão povoada de uma multidão” (Clauber; Pillotto; Leal, 2017, p. 192),

Tendo em mãos o caderno de experiências, registros fotográficos e as produções e narrativas das crianças, foi possível destacar pistas e efeitos sobre a problemática levantada ainda no início da investigação: a natureza passa despercebida e naturalizada para as crianças moradoras de uma região rural por ser parte do seu cotidiano?

Inicialmente as narrativas e poéticas visuais das crianças indicavam que a natureza como parte do seu cotidiano, lhes passava despercebida na dimensão estética. A natureza estava tão presente em seus fazeres e percursos do dia a dia que a dimensão estética ficava à deriva.

Entretanto, durante os cinco encontros realizados tendo a experiência estética, a natureza e a modelagem em argila como propulsoras de um novo olhar para o cotidiano, as crianças ampliaram suas possibilidades estéticas. Perceberam outros efeitos da natureza no campo da dimensão sensível. As cores, formas, texturas, sonoridades foram potencializadas e o olhar

inicialmente cotidiano tomou outra proporção. Detalhes antes não vistos com relação à natureza e a arte tomaram uma outra combinação.

Esta percepção se deve ao método narrativo (auto)biográfico e a análise compreensiva-interpretativa (Bertaux, 2010), contribuindo para que pudéssemos encontrar pistas em nuances das narrativas das crianças, evidenciando suas relações com a natureza e com a poética visual.

Os processos cognitivos e sensíveis das crianças, relacionados à natureza e à criação de formas tridimensionais foram desdobrados em curiosidade e descobertas de outros modos de viver o cotidiano, potencializados pelo olhar estético. Como afirma Bertaux (2010, p. 112) “a cada momento do percurso da vida corresponde certo estado físico ou psíquico do sujeito, de sua ‘personalidade’, mas também de suas forças ‘vitais’”.

Os instrumentos de pesquisa foram imprescindíveis para que pudéssemos captar as narrativas das crianças, como: fotografias, expressões orais, corporais, visuais, além do caderno de experiências, nosso companheiro em todo o processo de pesquisar e pesquisar-se (Clauber; Pillotto; Leal, 2017). Nele anotávamos as narrativas das crianças e nossas percepções acerca das novas relações que fazíamos com a natureza e a poética visual.

O caderno de experiências foi nossa bússola de como a pesquisa acontecia. Parágrafos, desenhos, mapas e palavras soltas que se constituíam de sentidos. Breves histórias nossas e das crianças foram aos poucos ganhando potência nos percursos de viver a pesquisa, conectando o real e o imaginário. Para Bertaux (2010) o imaginar na pesquisa abre brechas para a união entre o mental, o discurso e os fenômenos que os acompanham.

Deste modo, os processos de análise compreensiva-interpretativa percorreram as trajetórias da pesquisa no conjunto do corpus das narrativas das crianças. Da mesma forma a produção de dados, que se constituiu a partir dos instrumentos de pesquisa foram fundamentais, pois como afirma Bertaux (2010, p. 68), a análise se dá no escutar e “[...] escutar de novo, transcrever, ler, reler [...] tudo isso constitui um bom método para fazer avançar rapidamente a ‘formação’ do pesquisador”.

Um dos desafios da análise concentraram-se em identificar nas narrativas aquelas que marcaram a experiência de vida de quem pesquisa e de quem atuou como partícipe – as crianças (Bertaux, 2010). Quando se trata de pesquisa com crianças é fundamental apreender as sutilezas, aquilo que não é visível e a comunicação por metáforas subjetivas. Implica, sobretudo, narrar sobre o outro e sobre si desapegando-se de qualquer certeza.

As dimensões existenciais com as crianças e nossas memórias de infância, se compuseram em desenho do cotidiano escolar envolto em plena natureza ressignificada. Suas

narrativas, por meio das construções poéticas, da oralidade e dos registros fotográficos, evidenciaram efeitos constituídos com outros traçados nos pensares e sentires estéticos em harmonia com a natureza (Ostetto; Leite, 2004).

A análise compreensiva-interpretativa (Bertaux, 2010) foi carregada de impressões férteis, pautadas na atitude e na compreensão de si como sujeito/natureza. A fala de Miguel (2022) ao narrar sua construção poética reitera nossa análise ao dizer: “o rio é colorido e depende da hora ele fica mais verde ou mais azul [...] às vezes é meio marrom e outras avermelhado e tem dias que posso me ver nele como se fosse um espelho”. O rio narrado pela criança já não é apenas um rio para banhar-se ou pescar peixes; é poético. Ao espelhar-se no rio, integra-se a ele – o rio em mim e eu nele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo iniciou a seguinte indagação: a natureza passa despercebida e naturalizada para as crianças moradoras de uma região rural por ser parte do seu cotidiano? A partir dessa problematização, o objetivo centrou-se em refletir sobre as relações entre crianças, natureza e poéticas visuais como mobilizadoras nos processos estéticos.

Os percursos da pesquisa narrativa (auto)biográfica revelaram as singularidades das crianças no âmbito de suas curiosidades e interesses, tendo como base a experiência estética e as poéticas visuais articuladas à natureza.

Os efeitos da pesquisa nos provocaram a olhar de um outro modo para o entorno, constituído de vasta natureza envolvendo uma escola rural. O cotidiano, por vezes acostuma nosso olhar, reduzindo nossos sentidos, especialmente no território habitado por exuberante natureza.

A dimensão estética e as poéticas visuais a partir das experiências estéticas das crianças e, com o olhar observador sobre a natureza, foram potencializados. O revisitamento da criança que ainda pulsa em nós pesquisadoras, o cultivo das sensibilidades e a compreensão do corpo/natureza e natureza/corpo das crianças, acendeu a dimensão estética e novas relações com a natureza.

A experiência com a argila se tornou uma expressão tangível do mundo imaginário que habitava a mente das crianças. Elas moldavam a argila dando vida à suas ideias, alegrias, inquietações e sentimentos. A matéria orgânica se tornou uma possibilidade capaz de acrescentar ao cotidiano das crianças a dimensão estética.

A exploração da argila pelas crianças proporcionou momento de conexão com a natureza, aguçando a curiosidade em conhecer as características e texturas e as possibilidades de criação provocadas pelo manuseio com o material. A experiência transcendeu os limites físicos do material transformando-se em um símbolo da riqueza cultural e das experiências de vida de cada criança.

Testemunhamos como aquelas formas tridimensionais advindas da argila carregavam em si experiências e histórias que nos tocavam profundamente, criando um ambiente de celebração da diversidade e das raízes culturais presentes naquele lugar.

As percepções com relação a natureza possibilitaram as crianças vivificarem emoções e pensamentos, antes escondidos em algum lugar dos sentidos. Elas foram mobilizadas pelas experiências estéticas e por uma outra relação com a natureza. As vivências e as construções poéticas revigoraram o panorama sensível com a natureza e com o imaginário.

A pesquisa narrativa (auto)biográfica e seus modos de observar, interagir e construir, fortificaram as relações entre sujeito e natureza. Nesse sentido, a poética visual foi um modo de produção/reflexão que oportunizou um alcance maior na pesquisa e na compreensão de si e do outro no que tange às dimensões estéticas, individuais, coletivas e sociais, constituídas de experiências.

Portanto, os resultados/processos nos indicaram que as relações com a poética visual e com a natureza precisam ser nutridas e cultivadas para que possamos compreender a existência humana e o nosso papel social no planeta terra/vida.

REFERÊNCIAS

1. BACHELARD, Gastón. **A terra e os devaneios da vontade**: ensaio sobre a imaginação das forças. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
2. BACHELARD, Gaston. **O Materialismo racional**. Tradução: João da Gama. Lisboa: Edições 70, 1990.
3. BARBIERI, Stela. **Interações**: onde está a arte na infância? São Paulo: Blücher, 2012.
4. BARROS, Manoel de. **Retrato do artista quando coisa**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

5. BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida**: a pesquisa e seus métodos. Tradução: Zuleide Alves Cardoso Cavalcanti; Denise Maria Gurgel Lavallée. 2. ed. Natal: EDUFRRN, 2010.
6. CAIQUE, aluno. Depoimento [abr. 2022]. Entrevistador: Ana Paula Simião. Joinville, 2022. 1 arquivo. mp3 (50 mim). Narrativa concedida para a pesquisa que busca refletir sobre os efeitos mobilizados pela educação estética nas infâncias, destacando as relações das crianças com a natureza, compreendendo-a como imprescindível nos processos de sensibilização.
7. CUNHA, Susana Rangel Vieira da. Uma arte do nosso tempo para as crianças de hoje. *In*: CUNHA, Susana Rangel Vieira da; CARVALHO, Rodrigo Saballa de. **Arte contemporânea e educação infantil**: crianças observando, descobrindo e criando. 2. ed. [ver. e ampl.]. Porto Alegre: Zouke, 2022. p. 55-75.
8. CLAUBER, Carla; PILLOTTO, Silvia Sell Duarte; LEAL, Patrícia Regina Carvalho. Formação: uma experiência estética carregada de fragilidades de vida. **Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 28, n. 3, p. 186-205, set./dez. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.14572/nuances.v28i3.4635>. Acesso em: 20 mar. 2024.
9. DEIVID, aluno. Depoimento [abr. 2022]. Entrevistador: Ana Paula Simião. Joinville, 2022. 1 arquivo. mp3 (50 mim). Narrativa concedida para a pesquisa que busca refletir sobre os efeitos mobilizados pela educação estética nas infâncias, destacando as relações das crianças com a natureza, compreendendo-a como imprescindível nos processos de sensibilização.
10. DUFRENNE, Mikel. **Estética e Filosofia**. Tradução: Roberto Figurelli. São Paulo: Perspectiva, 2008.
11. DUARTE Jr., João Francisco. **A montanha e o videogame**: escritos sobre educação. Campinas: Papirus, 2010.
12. DUARTE Jr., João-Francisco. **O sentido dos sentidos**: a educação (do) sensível. 3. ed. Curitiba: Criar, 2004.
13. DURAND, Gilbert. **Les structures anthropologiques de l'imaginaire**. 10. éd. Paris: Dunod, 1984.
14. KOHAN, Walter Omar. A infância da educação: o conceito devir-criança. *In*: Kohan, Walter Omar (org.). **Lugares da infância**: filosofia. Rio de Janeiro: Lamparina, 2004. p. 51-68.
15. KOHAN, Walter Omar. **Filosofia para Crianças**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.
16. KOHAN, Walter Omar. **O mestre inventor**: relatos de um viajante educador. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
17. LARROSA BONDÍÁ, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Trad. João Wanderley Gerald. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-

- 28, jan./abr., 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>. Acesso em: 24 mar. 2024.
18. LEITE, Maria Isabel Ferraz Pereira. **O que e como desenham as crianças?** 2001.193 p. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-graduação em educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/296827995.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2023.
 19. LOUV, Richard. **A última criança na natureza:** resgatando nossas crianças do transtorno do déficit de natureza. São Paulo: Aquariana, 2016.
 20. MAFFESOLI, Michel. **Ecosofia:** uma ecologia para nosso tempo. Tradução: Fernando Santos. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2021.
 21. MEIRA, Marly. O sentido de aprender pelos sentidos. In: PILLOTTO, Silvia Sell Duarte; BOHN, Letícia Ribas Diefenthaeller. **Arte/educação:** ensinar e aprender no ensino básico. Joinville: Ed. UNIVILLE, 2014. p. 51-62.
 22. MIGUEL, aluno. Depoimento [abr. 2022]. Entrevistador: Ana Paula Simião. Joinville, 2022. 1 arquivo. mp3 (50 mim). Narrativa concedida para a pesquisa que busca refletir sobre os efeitos mobilizados pela educação estética nas infâncias, destacando as relações das crianças com a natureza, compreendendo-a como imprescindível nos processos de sensibilização.
 23. OSTETTO, Luciana Esmeralda; LEITE, Maria Isabel. **Arte, infância e formação de professores:** autoria e transgressão. Campinas: Papirus, 2004.
 24. PIORSKI, Gandhi. **A natureza, o imaginário e o brincar.** São Paulo: Ed. Petrópolis, 2016.
 25. PIORSKI, Gandhi. **O brinquedo e a imaginação da terra: um estudo das brincadeiras do chão e suas interações com o elemento fogo.** 2013. 138 p. Dissertação (Mestrado em Ciência das Religiões) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/4231/1/arquivototal.pdf>. Acesso em: 05 maio 2023.
 26. PROFICE, Christiana. **Crianças e natureza:** reconectar é preciso. São Paulo: Pandorga, 2016.
 27. RINALDI, Carla. O ambiente da infância. In: CEPPI, Giulio; ZINI, Michele. (org.). **Crianças, espaços, relações:** como projetar ambientes para a educação infantil. Porto Alegre: Penso, 2013. p.122-128
 28. TUAN, Yi-Fu. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução: Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.